

Sete Mitos sobre o Vietnã

Mito #5

Denúncias feitas por conservadores e militares de que a cobertura pela mídia da Guerra do Vietnã tenha sido tendenciosa e hostil aos militares e mesmo antipatriótica e subversiva, não encontram respaldo nos fatos. Muitos estudos acadêmicos mostraram que, no todo, a cobertura jornalística foi justa e precisa.

Conhecemos alguns desses estudos. São, invariavelmente, remendos para esconder a verdade, feitos por esquerdistas, ou mesmo pelos próprios autores das matérias tendenciosas feitas durante a guerra. Uns poucos da fauna da mídia esquerdista da Guerra do Vietnã saíram limpos, admitindo o que era óbvio para qualquer observador isento: que eles foram engajados em propaganda e subversão, disfarçadas como notícias. Uma das mais sinceras e reconfortantes vieram de Jean Lacouture, repórter ultra-esquerdista do grande jornal francês *Le Monde*, que admitiu estar envergonhado “por ter contribuído para a instalação de um dos regimes mais repressivos que a História já deu conta”. Lacouture, cujos artigos sobre o Vietnã apareceram nos principais jornais e revistas americanos, disse que ele e outros repórteres naquele país asiático operaram como “intermediários de uma propaganda criminosa e de mentiras - porta-vozes ingênuos da tirania em nome da liberdade”. “Durante a Guerra”, disse ele, “conduzi-me como um militante, simpático com a causa deles e escondi o aspecto stalinista do sistema, do qual estava bem consciente”.³⁵

O escritor britânico William Shawcross, cujos artigos apareceram no *Time*, *Newsweek*, *Rolling Stone*, the *Washington Post*, e outros grandes da mídia, expressou remorso. Em uma conferência de 1983- “Vietnã Revisto” – ocorrida na Universidade do Sul da Califórnia, Shawcross fez uma comovente e eloquente confissão de como ele e outros enganaram-se sobre o que aconteceria no Vietnã, Laos e Camboja após a tomada pelos comunistas.

Ele revelou que nunca sonharia que o Vietnã de pós-guerra manteria o 4º maior exército do mundo, que invadiria o vizinho Camboja com quase 200.000 homens, que traria condições tão brutais que centenas de milhares de vietnamitas arriscariam suas vidas ao fugir de sua pátria em pequenos barcos (*boat people*). Não previu que 3 milhões de pacíficos cambojanos pereceriam em face do domínio cruel e desumano do Khmer Vermelho, e relembrou-se de como os correspondentes no Camboja zombavam daqueles que, na Embaixada Americana, alertavam que uma vitória comunista traria um terrível banho de sangue. Eles ignoravam que o Vietnã do Norte derrotaria o do Sul, sem a menor cerimônia deporia a liderança vietcong e mandaria dezenas de milhares para a prisão e para campos de concentração”.³⁶

A maior parte dos sabichões da mídia esquerdista, no entanto, não fez a necessária *mea culpa* pela devastação e genocídio que eles ajudaram a desencadear sobre os povos do Sudeste Asiático. Stanley Karnow, um repórter esquerdista da *Time-Life* e de outras agências de notícias que, certa vez, descreveu Ho Chi Minh como “uma pessoa extraordinariamente doce”, foi escolhido pela PBS (canal de TV público dos EUA) para dirigir o festival de distorções e desinformação que foi a série em 13 capítulos de *Vietnã, Uma História Televisiva*.³⁷

O General Ray Davis ressaltou:

*“Quando meus ouvintes diziam-me que aquela não era uma guerra popular, bem, eu não acho que haja algo como uma guerra popular. Certamente a II Guerra Mundial também não o era para muitas pessoas. Fico pensando se nós teríamos sobrevivido à Coréia. Imagino se teríamos sobrevivido como o fizemos, se tivéssemos câmeras de TV gravando cenas escolhidas e as exibindo em nossas salas de visita. As imagens exibidas nos levaram ao fracasso no Vietnã. De fato, como eu disse para algumas pessoas do meio jornalístico, essa foi a primeira guerra em que não houve censura noticiosa, o que nos arruinou. O meio jornalístico falhou completamente”.*³⁸

Falhou, sim, sob o ponto de vista da maior parte dos americanos. Da perspectiva de muitos esquerdistas da mídia, entretanto, que diferentemente de Jean Lacouture, não se arrependeram – seu sucesso foi imenso. Eles *desejavam* uma derrota americana e uma vitória comunista.

Além da grande e espalhafatosa propaganda e das histórias desinformativas como My Lai, Cam Ne, e o Tet, que tanto influenciaram o público, havia o fluxo diário de histórias, fotografias, editoriais e comentários – sobre a guerra na Indochina e dos protestos anti-guerra no país – que, agindo cumulativamente, acabaram por desmoralizar a Nação.

³⁵ Stormer, p. 241.

³⁶ AIM Report, April-A, 1983.

³⁷ AIM Report, January-B, 1984.

³⁸ Davis, p. 218.

Consideremos, por exemplo, o excerto de uma revisão de Renata Adler do filme de 1968 de John Wayne, sobre a Guerra do Vietnã, *The Green Berets (Os Boinas Verdes)*. Ela assistiu ao filme, não o entendeu e o estraçalhou:

"Os Boinas Verdes" é um filme tão estúpido, tão inenarrável, tão degenerado e falso em cada detalhe que passa por divertido, por engraçado, por ser parcial, e por tudo torna-se lamentável concepção simplória da direita, concepção simplória da esquerda. É um filme baixo e insano. Para finalizar, é um filme bobo".³⁹

Inenarrável? Degenerado? Baixo? Insano? A retórica raivosa de Adler fala-nos mais dela e do *Times* do que do patriótico filme, que ela tachou de irremediavelmente detestável. Infelizmente, vozes como a dela prevaleceram no coro da mídia, durante a guerra. Foram pessoas como Adler a que Nguyen Huu Tho, o fundador comunista da FLN referia-se, quando ele devidamente creditou a vitória comunista à imprensa falada, televisada e escrita, "incluindo aqueles que, nos EUA, deram ajuda moral e política à nossa justa causa."⁴⁰

Embora muitos daqueles jornalistas fossem teleguiados pela esquerda e quase-simpatizantes marxistas, provavelmente poucos estivessem sob a disciplina do Partido Comunista. Alguns "jornalistas" importantes, no entanto, eram, de fato, propagandistas do Partido Comunista. O mais bem sucedido (ao que sabemos) foi Wilfred Burchett, um agente da KGB soviética, cuja influência foi muito além da propaganda e da desinformação com que abasteceu o público americano através de seus próprios artigos para a *Associated Press*, *Time*, *Washington Post*, *New York Times*, *Harpers*, *Newsweek*, *Chicago Tribune*, e outros noticiosos.⁴¹

O Senhor Burchett, um australiano, não era um idealista tolo; em 1952 ele participou como membro ativo das equipes de interrogatório sino-norte-coreanas que extraíam confissões falsas de guerra bacteriológica de pilotos capturados na Coreia. Mesmo após ter sido identificado em tribunais por prisioneiros de Guerra que ele havia torturado, e após ter sido identificado em audiências no Senado pelo agente soviético que o havia cooptado, Burchett continuou nas boas graças de seus amigos na mídia. Quando Harrison Salisbury, do *NYT*, foi acolhido atrás das linhas inimigas para fazer reportagens sobre a Guerra, foi Burchett que conseguiu o acolhimento e quem o acompanhou ao Vietnã do Norte, como seu guia. Salisbury escreveu a introdução de um dos livros de Burchett, que foi publicado pelo *Times*. Em 1971, já nos EUA, como correspondente da ONU, com um visto restritivo, Burchett visitou ilegalmente Washington, D.C., encorajado pelo então Secretário de Estado Henry Kissinger, para discutir com este último, a retirada das tropas americanas do Vietnã.⁴²

Disponível em <<http://www.midiaseemmascara.org/artigo.php?sid=3377>>.

³⁹ Renata Adler, "War Movie Arrives at the Warner Theater," *New York Times*, June 20, 1968; reprinted, *Congressional Record*, June 26, 1968, p. S7817.

⁴⁰ *Daily World*, *ibid*.

⁴¹ John Rees, "K.G.B. Agent Wilfred Burchett Tours U.S. Campuses," *The Review of the News*, November 2, 1977, pp. 31-42.

⁴² *Ibid.*, p. 32.